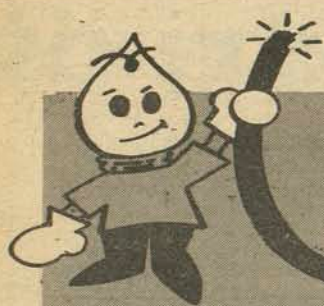




SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

Nº 144
02/08/91

Linhar viva

Sem-terra conseguem promessa depois de andar mais de 300 km

Depois de 25 dias de caminhada, desde Curitiba, 150 agricultores sem-terra chegaram a Florianópolis numa manhã colorida pelo sol de inverno. Percorreram 334 km para discutir com o governador do estado um solução para centenas de famílias que não têm terra para trabalhar e morar. Era 25 de julho, dia do agricultor. Eles atravessaram a ponte que dá acesso à ilha trazendo cansaço no rosto, enxadas e foices nas mãos. O carro de som anunciava: "estamos chegando numa cidade bonita como la-voura florida".

Na entrada da capital cerca de 5 mil pessoas se juntaram aos caminhantes em uma passeata que percorreu o centro e o centro da cidade antes de chegar ao palácio do governo, entre eles os sem-teto da periferia da capital. Animado, gritando as palavras-de-ordem pela reforma agrária vinha Carlos Alberto Serpa, de 9 anos. Nem demonstrava que estava cansado de tão feliz por conhecer o mar. "Eu vim pra ganhar terra, que o governo não gosta dos acampados e se o governador não der nós brigamos com ele", garante Carlinhos consciente do que está fazendo junto com homens e mulheres que desfilavam suas ferramentas em postura quase militar.

A consciência de Carlinhos não é exceção entre os agricultores. Respondem com tranquilidade quando indagados sobre o que fazem, e não vacilam ao dizer que se não forem atendidos, se não conseguirem terra para plantar e morar, vão organizar novas ocupações. Coisa que até o José Vieira, caminhante de 12 anos já sabe. "Os maiores querem a terra só para eles, então a gente tem que se organizar e ocupar a nossa terra", revela com naturalidade.

Em frente ao Palácio, os agricultores contam histórias da caminhada aos trabalhadores urbanos que foram ali se

solidarizar com a luta. Uma comissão de negociação já estava reunida com o governador. Enquanto a discussão esquentava no gabinete do governador, na rua esquentava um pequeno baile animado por vanerões que saíam do carro de som. "Trezentos quilômetros é pouca coisa para quem gosta de dançar", diz o Gaúcho, trovador e sem-terra que participou da jornada.

Nas lembranças da caminhada, não faltaram histórias de maus momentos. O frio foi o maior adversário, sendo parte da caminhada feita abaixo de zero grau. Por isso, a equipe médica que deu apoio aos caminhantes registrou muitos problemas respiratórios entre os agricultores. Um médico, 5 estudantes de medicina e 1 auxiliar de enfermagem acompanharam os manifestantes. "Os maiores problemas eram as câimbras e bolhas nos pés, além dos edemas nas articulações", conta Catarina Gewehr, estudante de psicologia que atuou voluntariamente como enfermeira.

Durante a caminhada, os agricultores realizaram muitos debates com as comunidades onde passavam. Reuniões geralmente realizadas em salões paroquiais que, invariavelmente, serviam de pousada. Em Itajaí cerca de 200 pessoas debateram sobre a reforma agrária.

No final da tarde do dia do agricultor, reunidos em ato público em frente à Catedral de Florianópolis, os caminhantes não escondiam um contentamento desconfiado com os resultados da reunião com o governador considerados positivos. "A gente está cansado de conversa, vamos ver se agora o Incra cumpre a promessa", disse uma agricultora. A preocupação agora era com o retorno aos acampamentos, em ônibus fretados pela coordenação do movimento. Enquanto se despediam da capital os agricultores cantavam o refrão de uma das músicas mais repetidas durante a manifestação: "a luta não acaba aqui, a luta não vai terminar".

Jacques Mick



ELETROSUL

Salário indireto cai no ritmo do arrocho

Agora não é só o salário propriamente dito que está arrochado na Eletrosul. Também o chamado salário indireto começa a sofrer com restrições e não pagamento. É o caso do que vem acontecendo com o reembolso de despesas médicas e o vale alimentação.

Desde 10 de junho a Eletrosul não vem pagando o reembolso de despesas médicas e nem saldando as dívidas com os profissionais credenciados. Dados não oficiais dizem que a dívida acumulada chega a 130 milhões de cruzeiros. Além disso há um forte indício de que serão cortadas os convênios com psicólogos e fonoaudiólogos.

O vale alimentação, que confere a cada empregado cerca de 20 mil cruzeiros de salário indireto é um outro problema. A empresa com quem a Eletrosul tem convênio, a fornecedora do Vale Restaurante acaba de romper seu contrato com todos os supermercados da cidade, inclusive com a Cooenergia.

O diretor administrativo da Eletrosul, Paulo Macedo em contato telefônico com o Sinergia respondeu que não iria procurar a direção do Vale Restaurante, "para não ouvir o que não quero". (Seria porque a Eletrosul não está honrando seus compromissos com a Vale Restaurante?) Paulo Macedo disse ainda que por isto "deixava para os empregados e a Cooenergia a tentativa de resolver o problema com a Vale Restaurante".

O diretor administrativo da Eletrosul, a respeito do reembolso de despesas médicas disse que está normal, ignorando que haja alguma dívida ou possível restrição dos convênios.

Para complicar ainda mais a situação financeira, alguns empregados podem ser penalizados por erro da Eletrosul no pagamento dos adiantamentos efetuados no ano passado. Certamente alguns empregados terão descontos nos seus salários em função de terem recebido "a mais" ou "a menos". Paulo Macedo disse que orientou o DRH para que "os empregados não sejam prejudicados". Essa ameaça às conquistas conferidas como salário indireto demonstram mais uma vez a irresponsabilidade da Eletrosul por seus empregados.

A Intersindical está discutindo todas estas questões. Em breve deverão ser convocadas assembleias dos empregados para tomar posição sobre estas irregularidades e discutir a campanha extraordinária que vem sendo liderada pelo Comando Nacional dos Eletricitários.

Kleinübing diz que vai assentar 500 famílias

Pelo menos 500 das 120 mil famílias sem-terra de Santa Catarina receberam do governo do estado a garantia de que, até o final do ano, poderão semear em terra própria. A promessa foi feita pelo governador Wilson Kleinübing durante a reunião com os 25 representantes dos sem-terra e sem-teto, no Dia do Colono. Foi a reunião mais longa dos cinco meses do governo Kleinübing, e se estendeu das 11h19min até às 20h30min, quando os trabalhadores e o vice-governador Antônio Carlos Konder Reis acertaram os termos do protocolo com as conquistas da conversa com o governo do estado.

A partir desta semana, a Superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) estará recebendo propostas para a aquisição de 2.500 hectares de terra, na primeira etapa dos investimentos para o assentamento de parte das 500 famílias sem-terra acampadas pelo interior do estado. A deliberação surgiu de uma reunião entre a presidência do Incra, a superintendência regional e represen-

tantes do Movimento Sem-Terra, no dia 24, divulgada pelo governo do estado durante a reunião com os colonos. A promessa do Incra é de assentar todas as famílias de acampados até o fim do ano, entre 7 mil e 8 mil hectares de terra comprados com as verbas liberadas pelo Instituto.

As 500 famílias receberão, durante os próximos três meses, cestas básicas de alimentos com 11 produtos, conforme promessa de Kleinübing. As cestas serão pagas em parte pela Legião Brasileira de Assistência e em parte pelo governo do estado e prefeituras.

Os 150 mil pequenos produtores do estado, atingidos com toda a força pela seca na última safra, receberam a promessa de que o governo do estado irá buscar mais recursos junto ao governo Collor para a distribuição de calcário e sementes para a próxima safra pelo programa "troca-troca". Por enquanto, os agricultores precisam dividir entre si apenas Cr\$ 4 bilhões emprestados pelo governo federal Cr\$ 1,3 bilhão para sementes e o restante para calcário. Pa-

ra resolver o problema dos produtores, seria preciso um investimento total de Cr\$ 24 bilhões, mas o governador só prometeu Cr\$ 1 bilhão do Besc, para sementes.

Os agricultores reivindicaram do governo do estado, também, a concessão de subsídios de 80% para o "troca-troca" de sementes e calcário — pagariam, com os produtos colhidos, a metade do valor emprestado pelo governo federal. Para discutir essa proposta e um projeto para política agrícola em Santa Catarina, o governador convocou, no dia 25, a Comissão de Agricultura da Assembleia Legislativa para uma reunião no dia 30.

Os sem-terra reivindicaram de Kleinübing a participação na próxima reunião do Conselho para Desenvolvimento da Região Sul (Codesul), em 18 de agosto em Brasília. Entre outros assuntos, a reunião discutirá, com a presença dos agricultores, a necessidade de um programa de reforma agrária para o país, além do crédito especial para preparação da própria safra.

Intersindical assina acordo

Foi assinado, na tarde do dia 31 de julho, o acordo da Celesc, entre a direção da empresa e a Intersindical. Os abonos e ganhos reais continuam da forma já conhecida. A devolução da URP de fevereiro de 89 será feita em 15 faixas salariais. Alguns esclarecimentos em relação ao acordo:

- 1 - Quem não tem conta corrente em banco deverá receber a URP no seu sindicato.
- 2 - Se após receber o demonstrativo de cálculo da URP o empregado não concordar com o calculado deverá fazer um requerimento dirigido à empresa para que está recalcule. Se não houver concordância será estipulado um árbitro. E, se mesmo assim não houver acordo o empregado

deverá procurar o sindicato que o encaminhará para a Junta de Conciliação onde o juiz determinará o valor a ser recebido.

- 3 - Os engenheiros tem até dia 15 de agosto o direito de optarem por este acordo, encaminhando um requerimento ao sindicato dos eletricitários.
- 4 - Quanto ao pessoal de Concórdia além do requerimento deverá se filiar ao Sindicato de Lages.

Agora é pensar na campanha para a data-base que vai lutar pela garantia de emprego e melhoria salarial. A Intersindical encaminha ainda esta semana a pauta de reivindicações para a Celesc e já está marcado para o dia 9 de agosto a primeira rodada de negociações.

ABSURDO

Itá: permanece o transporte

A Justiça do Trabalho de Chapecó concedeu, na sexta-feira, liminar ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Lages contra a Eletrosul. O juiz manteve a obrigatoriedade da empresa de fornecer transporte aos 15 operadores da subestação de Itá que moram em Chapecó.

Há um mês a direção da Eletrosul numa tentativa grosseira de coagir os empregados a se mudarem para o canteiro de obras de Itá anunciou que suspenderia o transporte entre os dois locais. Para ir de Chapecó até a subestação são necessárias 3 horas de viagem para vencer 60 quilômetros de estrada.

A direção da Eletrosul não quis nem analisar os motivos que levavam os

empregados a morarem em Chapecó. A maioria das esposas destes funcionários trabalha na cidade e seus filhos ali estudam. Além disto 80% destes trabalhadores estão cursando a universidade em Chapecó. Todos eles estão há mais de 4 anos na cidade onde, na sua maioria, moram em casa própria.

O Sindicato de Lages denunciou ainda a arbitrariedade da empresa que descumpriria assim uma cláusula do acordo em vigor que estipula a existência de transporte em áreas de difícil acesso. Com a liminar o transporte ficará mantido e "fica clara a irresponsabilidade da direção da empresa querendo coagir seus empregados a desistirem de seus direitos", como disse o presidente do sindicato Clóvis Finocchietti.

JUSTIÇA

Reintegração na Eletrosul

Não adianta a Eletrosul querer coagir seus empregados a "pegar" o "incentivo" à demissão. A Justiça não está mais aceitando ações arbitrárias e irresponsáveis da empresa, aliás como vem sendo uma praxe nos últimos tempos.

O último episódio aconteceu semana passada quando a 20ª Junta de Conciliação e Julgamento de Porto Alegre obrigou a empresa a reintegrar o funcionário Nei Ernesto Jancowski, que trabalhava no escritório da Eletrosul na capital gaúcha. Nei teria sido "convidado", em abril passado, a assinar sua "adesão" ao Programa de Demis-

são Incentivada.

Logo depois do convite Nei, em contato com o Sinergisul, soube que possuía garantia de emprego. Assim no dia em que deveria ser homologada sua rescisão de contrato ele se negou a assinar a rescisão e na presença do representante do sindicato e da empresa confessou que havia sido "coagido a pegar o incentivo". O Sinergisul entrou com uma ação cautelar e a Justiça decidiu-se pela reintegração.

Este fato vem comprovar a irresponsabilidade com que vem sendo administrada a Eletrosul que a todo momento descumpra desacordo e desrespeita conquistas dos trabalhadores.

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Glaucio Marques. Editores: Gastão Cassel (DIRETOR) e Marlí Cristina Scamazzon. Ilustração: Francis Maia. Impressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis, SC. Fone: (0482) 22-3886. Telex: 48-2655. Fax: 23-5596. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

De eletricitário a papeleiro

Uma cláusula da pauta de reivindicações deste ano na Celesc é o incentivo à aposentadoria válido por um ou dois anos. O prazo para o incentivo concedido pela empresa encerrou na quarta-feira, dia 31 de julho. Semana passada o Linha Viva publicou uma carta assinada por vários funcionários prestes a se aposentarem que pediam a ampliação deste prazo.

O sindicato sabe que este é um período difícil na vida do empregado, que gera muita angústia e significa uma alteração total na sua rotina. E como envolve uma decisão inclusive de cunho financeiro vai lutar para que o incentivo tenha um período de validade que dê chance às pessoas de se decidirem tranquilamente. Na carta os funcionários falaram desta angústia e contaram casos de aposentados que escolheram datas desfavoráveis para sair da empresa e hoje vivem com dificuldades.

Um deles é Nilton Machado, o Puruca, que se aposentou há 9 anos, depois de 34 anos de serviços prestados à Celesc. Ele confessa que se pudesse voltar, recebendo o mesmo salário que o trabalhador da ativa retornaria hoje mesmo. Ele ganha Cr\$ 19 mil a título de aposentadoria da Celesc. "Se não fosse o salário do INPS estava morrendo de fome".

Apesar dos seus 60 anos, para se "defender" ele cata papel no

centro de Florianópolis. Com este dinheiro ele faz as compras de carne, leite e paga o ônibus. São cerca de 300 quilos de papel recolhidos por semana, tudo carregado às costas. Puruca tem várias certezas e uma delas é que "se me der uma doença, tô roubado".

Mas, não é de hoje que ele carrega coisas. "Na minha época a gente carregava os postes nas costas, morro acima, quando o caminhão não conseguia subir". Ele chegou na empresa com 23 anos pelas mãos do sogro. "Ele me apresentou pro Zé capataz e comecei como servente. Aí fui aprendendo o serviço até chegar a montador 1."

SEQÜELAS

De lembranças dos 34 anos o Puruca carrega algumas cicatrizes. A mais feia está no pulso direito que foi cortado até o osso pela descarga de um fio desencapado. "Fui pra casa cuspiendo sangue. Aí a mãe fez uns remédios de ervas e ficou passando carne de porco, que é melhor coisa para estas coisas". Outra seqüela está nas costas, machucadas quando um poste caiu em cima dele na Costeira "Fiquei cinco meses com colete de aço". A outra visita ao hospital foi quando um poste em que estava trabalhando com um amigo quebrou ao meio. "O Hélio se machucou bastante. Acho que hoje o serviço é melhor e se não



fosse pela ameaça de um acidente voltaria a trabalhar. Naquela época também não tínhamos insalubridade, nem periculosidade".

A grande esperança de Puruca é que a ação na Justiça que pede que a aposentadoria paga

pela Celesc seja igual ao do pessoal na ativa seja julgada logo. Os planos são muitos. "Quero viajar com a minha esposa de excursão para São Paulo e Rio de Janeiro". Isto faz ele se lembrar de outra ação que perdeu há mais de 10 anos. "Era uma

acabam legitimando um dispositivo autoritário. É como se o empregado declarasse que ficou suas horas vagas "passeando" dentro da empresa. É claro que só permanece no local de trabalho fora de expediente quem está trabalhando, mas o tal documento tenta provar o contrário.

Plenária escolhe delegados para CRS
Dia 6 de agosto, às 18 horas, no plenarinho da Assembleia Legislativa, acontece a plenária que vai escolher os delegados que representarão a região de Florianópolis na Conferência Regional de Saúde. Esta Conferência, que acontece no dia 16 e 17 de agosto, é uma instância colegiada que participa do SUS e que se reúne a cada quatro anos com a representação de vários segmentos sociais para avaliar a situação de saúde no Estado e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde estadual.

Vitor Ramil vai cantar em Floripa
O compositor e cantor Vitor Ramil

estará em Florianópolis nos dias 8 e 9 de agosto (quinta e sexta-feira) numa promoção do Núcleo de Cultura dos Sindicatos dos Eletricitários, Bancários, Jornalistas, Previdenciários, Municipários e Trabalhadores em Educação. No dia 8, quinta-feira, ele participa de um debate cultural às 20 horas no Teatro Grupo Armação, em frente à Praça XV. Na sexta-feira, às 21 horas ele se apresenta no teatro do CIC. Os ingressos custarão Cr\$ 2 mil e estão à venda nos sindicatos promotores e com os representantes sindicais. Os ingressos também poderão ser adquiridos no CIC por Cr\$ 6 mil (com 50% de desconto).

Justiça deve decidir sobre os 84,32%
É esperada para logo a decisão da 1ª Junta de Florianópolis, do Tribunal Regional do Trabalho, sobre a devolução dos 84,32% de índice da inflação de março de 90, usurpada pelo Plano Collor. Este tipo de ação referente aos empregados da Eletrosul já teve pronunciamentos favoráveis do TRT para várias categorias no Estado, entre elas

questão que me aumentaria o ordenado. Como eu não sei ler muito, um dos diretores da empresa me chamou e pediu para assinar um papel. Só depois é que descobri que estava assinando a dessistência da ação. Perdi um bom dinheiro".

Mas, a grande mágoa do aposentado é que o fato de ter trabalhado tanto tempo na empresa não valham nada para seu filho. "Ele faz leitura e entrega as contas de luz. O governador tinha prometido e até assinou uma carta dizendo que eles iriam deixar de trabalhar para as empreiteiras e seriam funcionários da Celesc. Não gosto de ver o meu filho tão explorado. Ele ganha 4 salários, mas eles só declaram dois na carteira. As vezes quando trabalha em lugares muito longe não tem como voltar para casa pra comer e não dão nenhuma ajuda para o almoço".

Além do filho, Puruca ajuda a outra filha. Vai ser o responsável pela festinha de 15 anos da neta que vai ser festejada na ABCELESC. "Eles tão querendo cobrar Cr\$ 30 mil pelo aluguel do salão. Acho que podiam baratear isto para os aposentados. Como também não entendo porque a empresa paga Cr\$ 19 mil de aposentadoria para uns e para outros, que já ganha bastante do INPS, pagam até Cr\$ 60 mil. Não dá pra entender estas coisas."

os bancários. No Rio Grande do Sul seis juntas já se manifestaram favoravelmente ao pagamento dos 84,32%: as juntas 15ª, 16ª, 17ª de Porto Alegre e as de São Jerônimo, Alegrete e Caxias do Sul.

Agenda do Sinergia
Agenda para a próxima semana:
— Dia 31 de julho às 14 horas reunião do Comando Nacional dos Eletricitários, no Rio de Janeiro, com as empresas do Grupo Eletrobrás. Em Florianópolis, às 14 horas do mesmo dia, inicia o seminário de Comunicação, no auditório do Sinergia.
— Dia 6 de agosto, às 9 horas, reunião da Intersul para definir a pré-pauta para trabalhadores da Eletrosul, às 18 horas, plenária, na Assembleia Legislativa, para tirar delegados à Conferência Regional de Saúde de Florianópolis.
— Dia 8 de agosto, às 14 horas, reunião no Sinergia para discussão do projeto do jornal unificado com os sindicatos de Florianópolis. As 20 horas debate cultural com Vitor Ramil, no Teatro Armação, em Florianópolis.

TRIBUNA Livre

Descaso com o contratado

Edio Valentin da Silva
Diretor do Sinergia

Conforme relatado no Linha Viva número 138, do dia 21/06/91, os contratados de todo o estado estão em greve há dois meses; não por uma reivindicação, mas sim pelo cumprimento de um acordo assinado entre o sindicato do asseio e conservação e as firmas contratadoras, chamados os patrões, que da o direito aos Trabalhadores contratados ao reajuste.

Entretanto, apesar destes companheiros estarem em greve há dois meses, o acordo não foi cumprido. Além desse absurdo, ainda tiveram a ousadia de pedirem que a greve fosse julgada abusiva.

Naturalmente, o pedido foi negado pelo tribunal, admitindo o direito dos trabalhadores contratados.

Neste momento, em que vemos os patrões radicalizados de um lado, e nossos companheiros angustiados pelo descaso, em uma situação no mínimo constrangedora de outro, é hora de encontrarmos o verdadeiro responsável por esta situação.

Os patrões poderiam reduzir seus lucros, mas os conhecemos bem. Procuraram seu maior cliente - o Governo do Estado - e encontraram uma posição fixa e unilateral: não aos nossos contratados! E não interessa se eles tem direitos, não querem saber de negociar, não interessa o povo.

Observamos aqui que caso este último tivesse liberado o repasse do que é direito de nossos companheiros contratados, nem teria havido necessidade da greve.

De quem é a responsabilidade? o não cumprimento do acordo é uma falta de respeito, uma atitude irresponsável para com os trabalhadores contratados.

O que fazer no meio deste sistema?
Vamos construir um País sem leis?

A hora de unificar

Gastão Cassel
Editor do Linha Viva

No movimento sindical já é tradicional o discurso contra os monopólios de comunicação. A cada momento crítico de cada categoria que entra em luta surgem os lamentos sobre a cobertura da imprensa, que nem sempre cobre as lutas de trabalhadores e, quando o faz, muitas vezes peca pela defesa de interesses oficiais ou patronais.

O problema, no entanto, é que este discurso não tem passado de discurso, de exercício do direito de reclamar baixinhos Poucas iniciativas concretas são tomadas para encerrar o problema que é viver num país onde 9 famílias controlam mais de 90% de tudo o que se lê, vê ou ouve. E já não é possível dizer que não temos nenhum poder de fogo.

Uma prova de que há um potencial concreto é a experiência do Jornal da Greve Geral, que na sua última edição (lançada no dia seguinte ao movimento) superou a soma das tiragens dos principais jornais de Santa Catarina. Esta edição levou para a rua a greve geral do ponto de vista dos trabalhadores, através de uma cobertura profissional (foram mais de 20 profissionais e estudantes envolvidos) e balizada pela proposta de reconstituir os fatos como eles ocorreram.

E é justamente com base nesta experiência que diversos sindicatos estão discutindo a proposta de um jornal intersindical unificado, de circulação semanal que traria, além de cobertura de economia, política, esporte e lazer um espaço privilegiado para acompanhar as lutas dos trabalhadores. Uma proposta que rompe com o isolamento das categorias e incentiva o debate sobre as principais questões da atualidade.

Este debate que vem sendo coordenado pela CUT e subsidiado tecnicamente pelo Núcleo Organizado de Imprensa Sindical - NOIS, exige um esforço muito grande na formulação de novos conceitos de como fazer jornalismo, que afina a diferenciação com a imprensa tradicional não pode ser apenas na origem do produto, mas na concepção estética e mesmo ética.

A discussão sobre este novo jornal deve ser feita por todas as categorias, pois isso deve alterar as políticas de comunicação das entidades. É imprescindível que todos participem destas discussões. Mais ainda, é necessário que o movimento sindical assuma esta iniciativa e erga sem vacilação a bandeira de democratização dos meios de comunicação com esta iniciativa concreta, que é parte de um processo que deve envolver toda a sociedade.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 teclas. A publicação ficará a critério dos editores.

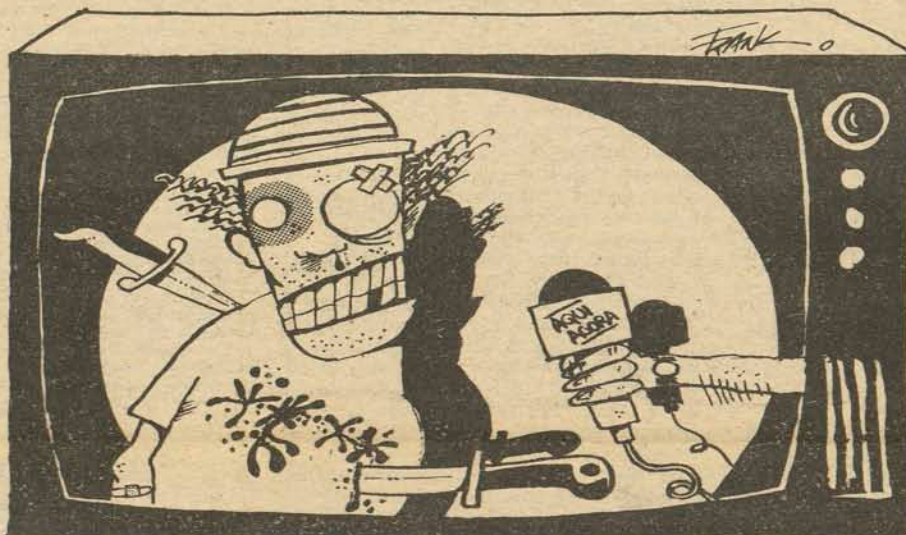
“Aqui e agora”: o espetáculo da violência

Luiz Césare Vieira
Empregado da Celeso

18h30min. Começa AQUI AGORA um jornal vibrante que mostra a vida como ela é. Pelo menos é com esta frase do apresentador que tem início um programa de jornalismo do SBT que ousa arrebatrar os níveis de audiência da toda poderosa Globo. A vida como ela é... Esta frase pressupõe, corretamente, que os outros programas da TV falseiam a verdade e mostram a vida que não é. Tem sido exatamente assim. A TV constitui-se numa fábrica de sonhos, mitos e ilusões, manipulando o imaginário popular ao bel prazer da classe dominante. A realidade sempre foi considerada explosiva, rebelde, revolucionária e como tal deve ser revelada quando muito em pequenos fragmentos descolados da totalidade, como peças de um mosaico. Ou será que munido de consciência crítica o povo continuaria a encher o baú que faz a felicidade do sr. Abravanel? Mas, eis que de repente, num espasmo de incontinência generosidade o Sílvia Santos resolve afinal mostrar a vida como ela é! O segredo da Esfinge será revelado os brasileiros após 500 anos de árdua espera? Não sejamos tão otimistas. Mas, justiça seja feita, nunca um programa de TV mostrou em horário nobre tanta violência, miséria e degradação humana em níveis inferiores à própria animalidade, com fatos de um cotidiano vivido pela imensa maioria da população.

Cabe a indagação: por que esta abertura para o real que durante tanto tempo recebeu pela TV tratamento de tabu? Afinal vai por água abaixo todo o esforço da Globo em maquiagem a realidade “subversiva” e em exaltar aos quatro cantos na figura angelical do Cid Moreira o temperamento cândido e pacífico do povo brasileiro? Será que o fim da guerra fria dissipou o medo das elites de sublevação popular sustentada em bases marxistas de luta de classes e o SBT decidiu escancarar as portas da objetividade que condena ao degredo material e espiritual milhões de pessoas? A lógica é simples: na ausência de um sistema alternativo (socialismo) que resgate a vida digna para todos restaria, de qualquer forma, o capitalismo, o único que “deu certo”. Seja como for AQUI AGORA não tem nada de subversivo, não educa, não informa, não denuncia e seu

Quadrilha desalmada abusa de moça durante vinte horas - Minino é baleado em tiroteio de bar - Menina de quatro anos é estuprada - Deputado Federal Jabes Rabelo trafica cocaína - Assalto de farmácia em final feliz: Dois assaltantes vão pro saco com tiros na cabeça - Polícia descobre antropófago com restos humanos na geladeira - Lutador de sumô casa com bailarina - Aqui Agora um jornal vibrante, uma arma do povo



critério é o lucro, proporcional aos níveis de audiência.

O PROGRAMA

Como o próprio nome indica, AQUI AGORA é um programa que delimita sua própria dimensão temporal. É circunstancial, efêmero, rápido. A pressa está presente em todo o programa e impõe seu ritmo alucinante. Os fatos são consumidos instantaneamente, nada é resgatado. Uma sucessão de imagens encaminha o telespectador de um quadro a outro de uma maneira intencionalmente desconexa, pós-moderna, transformando a TV num caleidoscópio repleto de bizantinices, como o casamento de um lutador de sumô e uma bailarina.

Entre comerciais do Baú da Felicidade que vendem a ilusão da casa própria e cenas do surrealismo da aldeia global revelam-se comunicadores já consagrados pelo povo. O esbravejar ríspido/moralizante do Enéas. O homem e seus famosos sapatos brancos. A comunicação metafórica do Maguila. O Feliz e a previsão de tempo transformada em

happening.

O carro chefe do programa é a violência. O crime mais hediondo do dia é exibido em capítulos com objetivo de manter a audiência. Mas, a realidade dos fatos em seu estado puro não basta. É necessário construir artificialmente uma hiper-realidade. O real em forma de espetáculo é mais emocionante. A música alimenta o suspense e a imaginação, técnicas de filmagem e recurso como slow-motion, quadro a quadro e zoom, manipulam o tempo e o espaço produzindo sensações excedentes. Os repórteres são despojados de sua humanidade e incumbidos da missão de extrair o máximo em emoções.

O mórbido e ficcional Gil Gomes com sua voz e trejeitos grotescos mais parece um vilão recém-saído de algum conto da carochinha. O sádico Wagner Montes, por sua vez, consegue ser mais cruel que o próprio objeto da reportagem. O crime como mercadoria é depurado de qualquer conteúdo social e oferecido em sua forma pura, configuran-

do uma estética da violência. A vítima não é encarada em sua singularidade trágica, mas como objeto proporcionador de emoções e sentimentos públicos.

Das agressões de policiais numa passeata política do outro lado do mundo, ao assassinato de três motoqueiros é resgatado apenas um substrato — a violência. Por ser diário o programa alcança as pegadas do crime ainda quentes, cada vez mais aproximando-se do momento fatal — a violência em ato, ao vivo para todo o país, numa citação moderna das arenas.

A DIMENSÃO SOCIAL

O tema violência mais do que nunca está na ordem do dia. Por mais exacerbado que possa ser o individualismo contemporâneo, é impossível a passividade diante questões tão fortes como o assassinato de crianças e a tirania despótica do narcotráfico cujos tentáculos alastram-se por toda a sociedade, inclusive o Congresso Nacional! Isto sem falar na miséria, doenças, seqüestros e em milhares de crimes anônimos cometidos diariamente.

Mas, a violência possui bases históricas/estruturais e, portanto, não pode ser tratada apenas com repressão policial. É o resíduo amargo da crise crônica do capitalismo periférico, e da distribuição perversa da renda mundial. Mas, é também subproduto da ganância e hipocrisia da elite brasileira que vedou o acesso à cidadania para a maioria da população. Fruto da parcialidade da razão instrumental cujos fins justificam qualquer meios, o AQUI AGORA atém-se à dimensão estética da violência, que metamorfoseada em mercadoria, é vendida como espetáculo.

Fica a dúvida contida na seguinte frase: até que ponto o programa AQUI AGORA influenciará o plesbício sobre pena de morte — uma bandeira desfraldada pela extrema direita?

LINHA
aberta